



AUTORES

**Mônica Magalhães
Cavalcante** 

 monicamc02@gmail.com

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Mariza Angélica Paiva Brito 

 marizabrito02@gmail.com

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do mestrado em Estudos da Linguagem e professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da FUNCAP (BPI)

Rafael Lima de Oliveira 

 rafaellima@outlook.com

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC)

COMO CITAR

Cavalcante, M. M.; Brito, M. A. P. & Oliveira, R. L. de. (2021). A relevância do texto e da interação no contexto digital. *Calidoscópico*, 19(3): 333-344. 10.4013/cld.2021.193.03

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 06/05/2021

Aprovação: 12/09/2021

DISTRIBUÍDO SOB



A relevância do texto e da interação no contexto digital

The relevance of text and interaction in the digital context

RESUMO / ABSTRACT

O advento da Web 2.0 reverberou em inúmeros estudos científicos, inclusive nas ciências linguísticas, o que levou a questionamentos acerca dos postulados teóricos gestados no contexto pré-digital. O presente artigo reflete sobre a noção de contexto. Para isso, explicitam-se os aportes teóricos que são convocados para o elastecimento da noção de contexto, a partir dos estudos de Hanks (2008), Paveau (2013, 2017), Émérit (2017) e Cavalcante *et al* (2019), e pleiteia-se que a concepção de contexto corresponda à própria visão de ambiente. Desse modo, aceita-

Palavras-chave:
texto; contexto;
ecossistema digital

The advent of Web 2.0 reverberated in many scientific studies, including in the linguistic sciences, raising questions about the theoretical postulates developed in the predigital context. In this sense, this paper reflects on the notion of context. For this purpose, we explain the theoretical contributions that we claim for the expansion of the notion of context, based on the studies of Hanks (2008), Paveau (2013, 2017), Émérit (2017) and Cavalcante *et al* (2019), and we plead that the conception of context corresponds to the vision of environment itself. In

Keywords:
text; context;
digital ecosystems

-se o pressuposto de Paveau de que os gestos languageiros que se realizam no ambiente ecológico digital devem ser considerados dentro de uma dimensão relacional fundamentalmente híbrida entre o humano e o tecnológico. Mas reivindica-se que esse caráter relacional, hipertextual, não linear e imprevisível dos ecossistemas digitais só tem funcionalidade na dinâmica da interação em que os textos acontecem, integrados a contextos sociais amplos, em que um conjunto de valores se cruzam na dimensão argumentativa de todo texto.

this way, we accept Paveau's assumption that the linguistic gestures that take place in the digital ecological environment should be considered within a fundamentally hybrid relational dimension between the human and the technological. However we claim that this relational, hypertextual, non-linear and unpredictable character of digital ecosystems it is only functional in the dynamics of interaction in which texts take place, integrated to broad social contexts, in which a set of values intersect in the argumentative dimension of every text.

1. Introdução

Nas últimas décadas, os cientistas da computação passaram a controlar o tratamento automático da língua através dos algoritmos. Agora, são os estatísticos, os cientistas da computação e os matemáticos que tratam e interrogam os dados sobre a sociedade recolhidos na internet (Boullier, 2015). A Web 2.0 passou a ser vista como o segundo capítulo da história da internet, porque favoreceu uma experiência de conteúdo para o usuário de forma dinâmica e aberta à interação de tudo com todos. Essa virada da história midiática reverberou também nas ciências linguísticas, de modo a suscitar muitos questionamentos sobre as noções tradicionais da era pré-digital. As ideias basilares de Latour (1994) sobre a mediação técnica entre o humano e não humano e sua constante influência mútua quebra com os protocolos dualistas cartesianos, deterministas e antropocêntricos de que o homem domina a máquina.

Para Paveau (2017) é preciso que as ciências da linguagem se apoderem dos novos fenômenos digitais para os requalificar, é preciso elaborar conceitos, ferramentas e limites de eficácia sobre esses novos dados, esses traços aos quais não se tem acesso. Essa necessidade de elaborar novos conceitos, ferramentas e limites para dar conta do funcionamento dos discursos nativos da internet numa perspectiva qualitativa e ecológica se faz urgente na atualidade. Entendemos que abordar o fenômeno linguístico transforma-se em estudar o próprio ser humano em toda a sua dimensão social e as relações que aí se estabelecem – entre essas relações estão a alteridade e o uso da linguagem para influenciar o outro –, ao passo que compreender os vários eventos que se inscrevem nesse fenômeno é investigar os usuários da língua em sua própria ecologia nativa de produção discursiva, de forma a abordar o fenômeno digital em sua materialidade técnica. Abordaremos essa perspectiva de ambiente ecológico em sua imbricação com os aspectos sócio-históricos que se expressam no caráter híbrido do texto, dinamicamente negociados na interação.

O presente artigo, que consiste numa reflexão teórica sobre as noções de contexto e de ambiente digital, foi planejado em torno de dois eixos. O primeiro explicita os aportes teóricos que convocamos para o elasmecimento da noção de contexto como um quadro de referência histórico em que valores e crenças se embatem nas relações de poder, tal como defendem os estudos antropológicos de William Hanks. Mas também reivindica que a concepção de contexto corresponda à própria visão de ambiente ecológico digital, tal como preconiza Marie-Anne Paveau. Tomamos as noções de *texto* e *contexto* como um lugar em que infinitas significações se constroem e se reconstroem mutuamente, porque, sob o ponto de vista da Linguística Textual (doravante LT), não há texto sem contexto. Cavalcante *et al* (2019) afirmam que o contexto se integra ao texto em uma ampliação não apenas sócio-histórica, mas também ecologicamente digital. Assim, refletimos sobre a noção de contexto a

partir da conceituação de Hanks (2008), mas também da visão de ambiente ecológico, adaptada para o que Paveau (2017) intitula de Análise do Discurso Digital.

O segundo eixo se funda, principalmente, em Laetitia Émérit, para quem o termo “contexto” precisa abarcar também as idiossincrasias do ambiente tecnológico e as imbricações do social com as particularidades de uso de cada texto. Enfatizamos, seguindo Paveau (2013), que no ambiente digital a linguagem é híbrida, formada indistintamente por matéria linguística e não linguística, e o locutor está distribuído nesse ecossistema. Mostramos que o hibridismo textual nos ecossistemas Twitter e Instagram tem uma organização muito particular, que influencia diretamente na dinâmica entre os usuários e na construção dos textos que são produzidos e circulam nesses espaços virtuais.

2. Sobre uma noção de contexto ainda mais ampla

Para Ingedore Koch (2005, p. 6), o contexto é “o lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente as significações, o árbitro das tensões entre sistematicidades e indeterminações do dizer e do mostrar, do dito e do implicado”. Sob o ponto de vista da LT, as noções de *texto* - seu objeto de investigação por excelência - e *contexto* não se separam, uma vez que não há texto sem contexto. Além disso, há pelo menos três décadas, constata-se um grande esforço dos estudiosos do texto por uma contínua ampliação da consideração do contexto em todas as categorias de análise. Uma versão mais atualizada desse conceito se encontra em Cavalcante *et al* (2019, p. 35), para quem “o contexto, que se integra ao texto, é visto como mais amplamente sócio-histórico”, não se limitando, segundo os autores, à “concepção estreita de situação interacional”, isto é, ao contexto comunicativo imediato.

A LT adota uma noção de contexto em grande medida devedora das reflexões de Hanks (2008), mas também da visão de ambiente ecológico, adaptada para o que Marie-Anne Paveau intitula de Análise do Discurso Digital, e ainda da perspectiva de Émérit sobre o uso do termo “contexto” para abarcar as idiossincrasias do ambiente tecnológico e as imbricações do social com as particularidades de uso de cada texto.

Paveau propõe a noção de ambiente configurada da seguinte maneira:

conjunto de dados humanos e não humanos dentro dos quais os discursos são elaborados. Esses dados dizem respeito a todas as áreas da existência: são sociais, culturais, históricos, materiais (objetos naturais e artefatos), animais, naturais etc. A noção de ambiente é uma alternativa crítica à de contexto (ou a condições de produção, ou a exteriores do discurso), comum na análise do discurso, que é mais centrada em parâmetros sociais, históricos e políticos (Paveau, 2013, tradução nossa).

A noção de ambiente é, portanto, uma versão crítica e ampliada da noção de contexto já adotada nos estudos discursivos. Essa definição, que contempla dados humanos e não humanos, vai na esteira da proposição de uma linguística que considere elementos que muitas vezes não são observados, como a dimensão técnica, e que não seja egocentrada (quando o locutor humano é visto como a origem da produção de enunciados) nem logocentrada (quando a análise prioriza questões eminentemente linguísticas). Desse modo, para Paveau (2013), quando se trata do ambiente digital, a linguagem é híbrida, isto é, formada indistintamente por matéria linguística e não linguística, e o locutor está distribuído no ecossistema digital.

Por sua filiação teórica, a autora se ocupa de problematizações que concernem ao discurso, não se voltando necessariamente para a unidade de análise do texto e para seus parâmetros textualizadores. Estamos sugerindo, neste artigo, que seja integrada a essa perspectiva de ambiente ecológico a imbricação de aspectos sócio-históricos que se expressam na emergência do texto, dinamicamente negociados na interação. Para sedimentar esse aspecto amplamente discursivo da visão de contexto aqui adotada, recordamos Hanks (2008), que ressignifica as duas dimensões do contexto propostas por Pierre Bourdieu: a *emergência* e a *incorporação*.

A *emergência* é fundamental para a LT porque diz respeito à própria atividade de interação em que os textos acontecem e se relacionam. Se a emergência já envolvia a esfera de produção do texto, além de todas as projeções de recepção (e – agora diríamos – também as projeções de reações), temos que acrescentar que ela ainda deveria comportar as probabilidades de circulação e de compartilhamento do texto. Dizemos, com isso, que carece olhar para a emergência do texto na interação de tal maneira que toda essa funcionalidade fosse abarcada. Uma perspectiva teórica que prime pela coinfluência homem/máquina, que só se efetiva no espaço interacional, não pode deixar de contemplar o evento sociocomunicativo do texto.

Mais do que fundamental para os estudos do texto, a *incorporação*, por sua vez, é um traço dele constitutivo, assim como o é o pressuposto bakhtiniano de que todo signo é ideológico. É pelo princípio de incorporação que podemos sustentar, em LT, que o texto não se desagrega do contexto porque está sempre situado em quadros sociais mais amplos.

Mas, além de supor o condicionamento discursivo de todo uso languageiro, Hanks também considera aspectos atinentes à interação e ao texto. Influenciado por constatações de Goffman e das pesquisas interacionistas, como as de Sacks (1992) e Schegloff (1987), Hanks assume uma concepção mais estruturada de “situação imediata” na emergência do texto incorporando valores socioculturais. A situação imediata é, então, redimensionada como um *cenário* que não é dado, mas que se formula na própria emergência da interação. Por isso, o autor reconhece que “as formulações são internas ao contexto interativo, revelam os julgamentos dos participantes do que é relevante e do que

acontece, e ilustram a conversão de uma simples situação em um cenário social” (Hanks, 2008, p. 179).

A emergência inclui, assim, os julgamentos dos sujeitos sobre o que é relevante em dado cenário interacional: um tópico é tomado como um ponto de interesse, isto é, torna-se relevante, mas implica um pano de fundo em que ancoram as experiências prévias dos participantes da interação. Seguindo Schutz (1970), Hanks salienta os aspectos *tópico*, *interpretativo* e *motivacional* do que os sujeitos consideram relevante para uma interação:

- tópico, porque representa o assunto para o qual os participantes dirigem a atenção;
 - interpretativo, porque depende dos conhecimentos de mundo que os sujeitos conseguem relacionar a esse assunto;
 - e motivacional, porque a relevância também depende dos propósitos que motivam os participantes.
- Desse modo, constata Hanks:

A referência à história dos sujeitos para quem algo é temático efetivamente expande o âmbito do contexto, que passa do presente vivido da percepção situada para um passado rememorado e sedimentado através da experiência cotidiana. Em resumo, ao se introduzir a noção de relevância, o contexto se torna uma estrutura hierárquica conectada a uma história não-local. (Hanks, 2008, p. 179-180)

Nenhum mecanismo de colocação em texto se constrói fora do contexto, pois o incorpora. Dizer que os mecanismos de textualização incorporam o contexto é admitir que todos os referentes articulados em rede no texto têm valores de toda ordem para os participantes da interação. Cada cenário construído na interação incorpora valores de diversos campos sociais, termo que, para Hanks (2008), corresponde a espaços delimitados de tomadas de posição por meio dos quais diversos valores circulam. Como afirma o autor, nesses espaços de tomada de posição:

os agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam em vários footings (a saber, competitivos, colaborativos, estratégicos, etc.). O campo social coloca restrições acerca de quem tem acesso aos papéis participantes de Falante, Destinatário, Ouvintes Não Previstos (ratificados ou não), à aprovação para fazer parte de uma competência, à necessidade de lidar com as faces de modo específico (Goffman, 1967), e assim por diante. (Hanks, 2008, p. 188)

O contexto teria uma relação indissociável com o *habitus* dos participantes da interação, vistos como atores sociais com seus projetos intencionais de dizer e com as estratégias a que recorrem para influenciar o outro. Hanks admite, a nosso ver, a inapelável vinculação do texto ao contexto sócio-histórico, mesmo que a conceba a partir de um ponto de vista humanístico ainda.

Esse aspecto mais imperiosamente discursivo das noções de texto e contexto será, neste trabalho, observado dentro

dos condicionamentos e das consequências da perspectiva de ambiente ecológico da tecnodiscursividade (como denomina Paveau em inúmeros trabalhos).

O hibridismo das ações humanas e tecnológicas está longe de ser explicado em toda a sua complexidade. Os estudos pós-dualistas, como os de Paveau e Émérit (além de outros), baseiam-se em alguns pressupostos de Latour (1994), que propõe explicações para a relação indissociável entre objeto técnico, cultura e comunicação. Para o autor, nem é o objeto que muda o humano, nem é o humano que determina o objeto. Existe, na verdade, uma conjunção homem/objeto técnico e um compartilhamento de responsabilidade entre tudo o que estiver envolvido nas ações socio-comunicativas, como bem observa Santaella:

Por ação social Latour não quer significar apenas a ação do humano, mas fundamentalmente a ação da associação, da combinação de actantes, que podem ser homens, armas, gavetas, instituições, código penal etc. Assim, no plano da ação, a ênfase se desloca mais para os meios, para as misturas, para o ator híbrido, pois a “ação não é uma propriedade dos humanos, mas de uma associação de actantes” (Latour, 1994a: 35). Deve ficar claro que a ideia de mediação está sendo relacionada aqui com um compartilhamento de responsabilidade da ação entre vários actantes, respeitando a ação de todos os envolvidos na técnica em questão. É isso que o autor entende por composição, já que apenas a soma de todos os agentes envolvidos pode conferir sentido à mediação. (Santaella, 2015, p.171)

Latour cria o conceito de mediação técnica para tratar da coinfluência entre homem e máquina, como um par dialógico simétrico. Não há um poder maior de um sobre o outro, mas o resultado de contínuas associações. O social, a que o autor prefere chamar de “coletivo”, é muito mais o resultado de interações do que uma consequência determinística de sistemas sociais estruturantes.

Com essas reflexões, estamos adotando, assim, uma visão de contexto que implique, obrigatoriamente, a cofuncionalidade entre as ações humanas e as ações tecnológicas, que resultam em gestos languageiros no tecnodiscurso.

Uma ilustração desse hibridismo dos actantes humanos e não humanos é o emprego das *hashtags*. Com a popularização das redes sociais, a *hashtag*, expressão languageira precedida pelo símbolo #, virou um elemento característico das produções nativas digitais. Da forma como é utilizada hoje, a *hashtag* foi implementada inicialmente no Twitter. Atualmente, também foi incorporada por outros ecossistemas, como Facebook, Instagram e YouTube.

Para Paveau (2017), a *hashtag* é uma forma tecnolinguageira, isto é, um compósito (híbrido) que envolve tanto matéria languageira (palavras, expressões ou frases) quanto aspectos técnicos, uma vez que se configura como um segmento clicável, assim como um *link*, que permite agrupar um conjunto de textos

de diferentes locutores que dela se valem.

Vejamos, resumidamente, como se dá seu funcionamento no Twitter. A figura 1 apresenta a página de pesquisa do Twitter a partir da *hashtag* #AVidaDaGente. Para acessá-la, o usuário pode ou buscá-la, escrevendo a *hashtag* na barra de pesquisa e apertando a tecla “enter”, ou clicar na *hashtag* em um dado tuíte que a utilize; isso porque a *hashtag*, como visto, é uma *tag* clicável, que leva o usuário à página de busca, que, por sua vez, relaciona todos os textos produzidos que utilizam essa mesma *tag*.

Nesse caso em específico, a *hashtag* #AVidaDaGente refere-se à novela A Vida da Gente, produzida pela Rede Globo, que, no instante em que a captura de tela foi feita, estava sendo exibida na televisão. Desse modo, os usuários a utilizam para comentar o capítulo que estava sendo exibido, conforme pode se constatar no tuíte do perfil @nostrendsbrasil. Essa prática tecnodiscursiva, que Paveau (2017) chama de “live tweet”, é bastante corriqueira no Twitter e consiste em vários usuários comentando algum acontecimento (um capítulo de novela, um programa de televisão, um jogo de futebol etc.) no instante em que ele ocorre.

No entanto, o uso de *hashtag* para comentar produções televisionadas está longe de corresponder à diversidade de usos dessa forma tecnolinguageira nos ecossistemas digitais. As *hashtags* também são utilizadas para criar alguns “padrões” de postagens, espécie de rituais para os usuários (como é o caso da *hashtag* #TBT, ou #ThrowbackThursday, em sua forma extensa, muito usada principalmente no Instagram, cuja funcionalidade consiste em os usuários postarem, nas quintas-feiras, publicações lembrando acontecimentos passados), para manifestar posicionamentos ideológicos (como é o caso do movimento antirracista, através da *hashtag* #BlackLivesMatter e da forma correspondente em língua portuguesa #VidasNegrasImportam), entre outros.

3. As noções de ambiente e de ecossistema nos estudos tecnodiscursivos

Baseada nas proposições de Paveau, Émérit (2017) desenvolve uma profícua discussão em relação às noções de contexto, ambiente e ecossistema digital. Investigando o que chamou de publicação *multissite*, a autora propõe que sejam considerados dois níveis de contexto quando se trata das publicações digitais, isto é, dos textos digitais nativos. O primeiro, chamado de contexto digital, equivaleria à noção de ambiente de Paveau.

O segundo contexto de que trata Émérit, chamado de contexto de comunicação, está relacionado à produção, ao aparecimento e à recepção de um texto nativo digital. Para a autora, essa separação é proposta especificamente para tratar do objeto sobre o qual ela se debruça: as publicações *multissites*, textos publicados simultaneamente em mais de uma rede social.

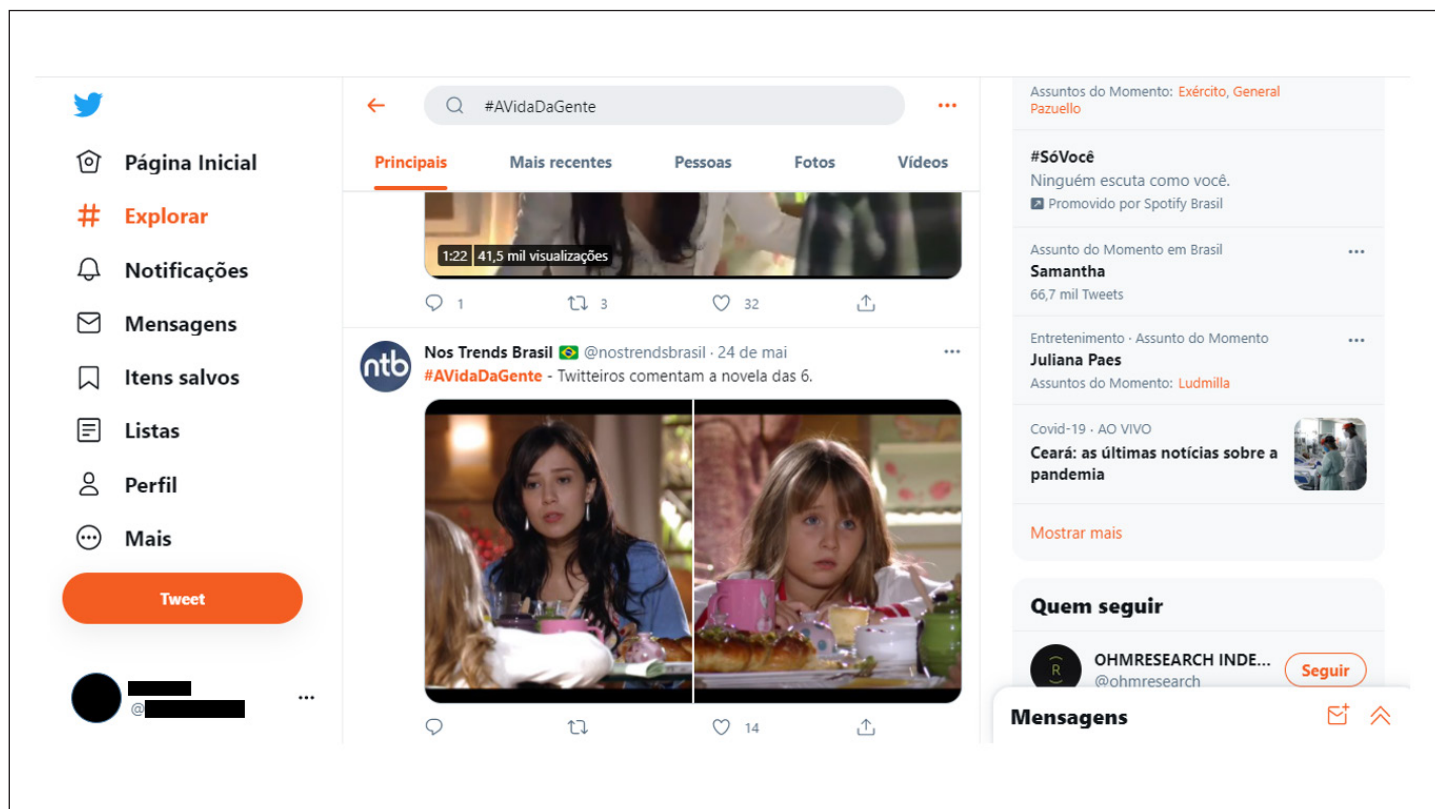


Figura 1

Captura de tela da página de pesquisa a partir da hashtag #AVidaDaGente na versão web do Twitter acessada por computador pessoal

Fonte: Twitter

[...] a noção de ambiente não permite uma descrição detalhada de objetos digitais como, por exemplo, a publicação multissite, justamente porque o ambiente existe independentemente das publicações. [...]. A noção de contexto [...] descreve os elementos que envolvem a publicação e interagem com ela no paradigma da publicação e não no do ambiente. (Émérit, 2017, p.177, grifo nosso, tradução nossa)

Nesse sentido, a autora, ao fazer equivaler a noção de “contexto digital” à noção de “ambiente”, e ao dizer que o ambiente existe independentemente das publicações, isto é, dos textos que nele são produzidos, passa a conceber a noção de “contexto de comunicação” apenas pelo nome de contexto, ou seja, dando-lhe um sentido mais estrito, vinculado a cada texto que é produzido em diferentes ecossistemas digitais.

Para Émérit, a noção de contexto digital/ambiente possibilita colocar os textos digitais nativos “em uma perspectiva ecológica, sem a qual não pode haver consideração de sua digitalidade (no sentido de seu com-

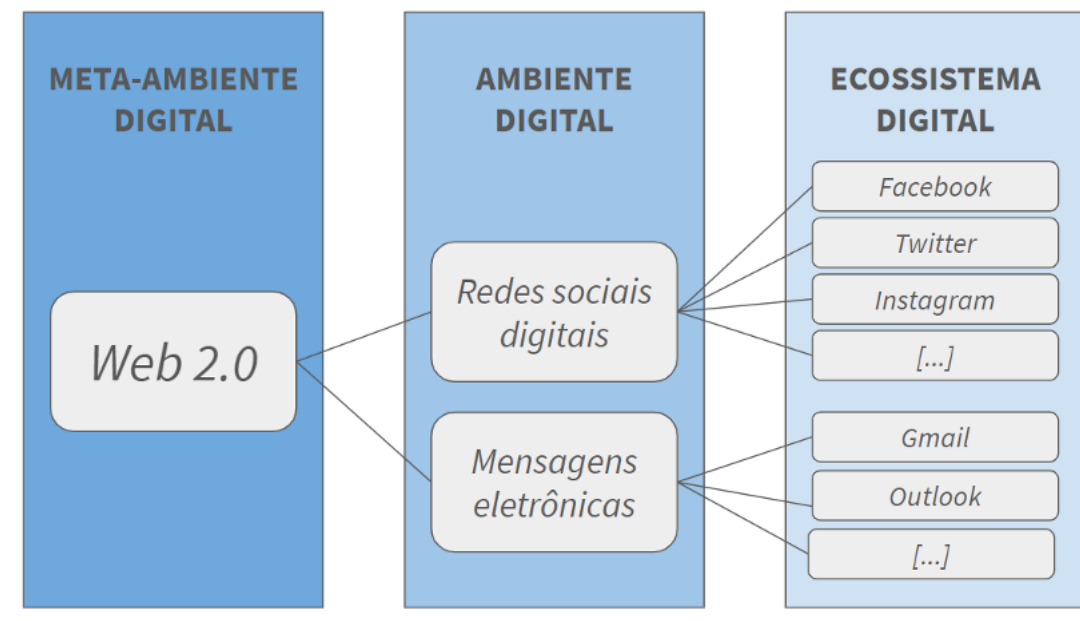
ponente tecnológico)” (Émérit, 2017, p. 176).

Antes que apresentemos um exemplo do que a autora considera como parte do contexto digital, interessa-nos a organização que ela propõe para três níveis de “ambiente” (esquema 1).

O meta-ambiente digital é, para a autora, o nível mais amplo, que engloba vários tipos de ambientes e ecossistema (não se reduzindo aos exemplos que surgem no esquema). Nesse nível, Émérit também inclui os diversos suportes^[1] utilizados para o acesso à internet. Em seguida, a autora lista os ambientes que compõem o nível “ambiente digital”, como as redes sociais, os serviços de mensagem eletrônica, os fóruns de discussão. Poderíamos acrescentar também os sites de notícias, os blogs (até então intitulados de blogosfera) etc. Por fim, dentro de cada ambiente, há diversos ecossistemas digitais. Essa separação, a nosso ver, é bastante proveitosa não para uma descrição exaustiva, mas para nos permitir nomear subespaços na heterogeneidade do ciberespaço e demonstrar, a partir daí, que eles intervêm na produção, na aparição e no compartilhamento de textos.

Cada ecossistema digital tem uma organização muito

[1] Cabe salientar que a noção de suporte usada pela autora parece ir ao encontro da definição dada por Marcuschi, para quem o suporte é “uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (Marcuschi, 2003, p. 8).



Esquema 1

Organização de níveis ambientais (meta-ambiente, ambiente e ecossistema)

Fonte: Tradução nossa de Émérít (2017)

particular, que influencia diretamente na dinâmica entre os usuários (que fazem parte desse e de outros ecossistemas) e na construção dos textos que são produzidos e circulam nesse espaço virtual. Para melhor explicar essa questão, vejamos o exemplo da figura 2.

O tuíte foi produzido por Miguel Nicoletis e publicado no dia 29 de abril de 2021 (como o nome de usuário e as informações abaixo do tuíte fazem transparecer). Nele, o cientista brasileiro alerta sobre a possibilidade de uma terceira onda da pandemia de covid-19 no Brasil. Se focalizarmos a atenção apenas no contexto digital (ou no ambiente), é possível dizer que esse ecossistema (a rede social Twitter) impôs certas restrições para o usuário que produziu esse texto. A mais evidente talvez seja o número limitado de caracteres, até 280 caracteres, algo que já é definido pelos parâmetros técnicos desse ecossistema.

Para fazer a captura de tela, fomos ao perfil do cientista e clicamos no tuíte para que aparecesse em uma página única (esta é a forma utilizada para que tenhamos acesso ao *link* daquele tuíte), centralizado e com uma disposição visual conforme a que pode ser observada na figura 2. Nesse modo de aparecimento, que difere de outros modos (como o aparecimento na linha do tempo ou no próprio perfil do usuário), o tuíte surge com um tamanho de fonte maior, com informações sobre o tempo de publicação e o suporte

utilizado para fazê-la e com os tuítes que o comentam, que aparecem sequenciados logo depois da publicação (em nossa captura de tela, só um tuíte é visualizado).

Lembramos que o Twitter limita o número de caracteres e que estes podem ter semioses verbal, visual (imagens estáticas, *gifs*, *emojis*) e sonora, além de outros recursos, como a possibilidade de tuitar uma enquete ou *links*. Essas diferentes possibilidades compõem o contexto digital (ou ambiente) do Twitter e têm influência direta sobre a produção dos textos dos usuários desse ecossistema digital.

A forma de interação se molda de acordo com o ecossistema digital no qual o usuário publica. Na figura 3, temos a produção de uma postagem no Instagram no dia 29 de abril realizada também por Miguel Nicoletis.

Nesta publicação, o mesmo cientista brasileiro mostra a sua indignação sobre o número alarmante de vidas perdidas no Brasil para a covid-19. A imagem traz o formato do território brasileiro moldado pelos dizeres *meu pai, minha mãe, minha avó, meus tios, meus amigos* etc. Cada morte foi de uma pessoa de carne e osso que teve sua vida interrompida, inúmeras famílias destroçadas pelo vírus. Diferentemente do Twitter, o Instagram é uma rede eminentemente de compartilhamento de fotos e vídeos. O próprio ecossistema permite a aplicação de filtros e outros diferentes re-

Tomamos as noções de texto e contexto como um lugar em que infinitas significações se constroem e se recostroem mutuamente, porque, sob o ponto de vista da Linguística Textual (doravante LT), não há texto sem contexto"



Figura 2

Captura de tela do tuíte do perfil @MiguelNicolelis na versão *web* do Twitter acessada por computador pessoal

Fonte: Nicolelis (2021a)

curios cada vez mais sofisticados para que seus usuários explorem e permaneçam mais tempo conectados em seu ambiente. Por isso, nesse ecossistema, as imagens são sempre mais recorrentes e significativas na interação. Como vemos, cada ecossistema tem suas peculiaridades e oferece ao internauta diferentes maneiras de “responder” ativamente aos textos que nele acontecem.

Émérit chama a atenção para o fato de um texto sofrer alterações quando é compartilhado em diferentes ecossistemas. Assim, ainda que um texto seja elaborado de acordo com as ferramentas disponibilizadas por um ecossistema, ao ser disseminado em outro, passa a moldar-se segundo este último.

Embora admita que a noção de ambiente não exclui a de contexto, Émérit advoga em favor da ideia de que os ambientes (e as instruções tecnológicas dos ecossistemas) existem independentemente dos acontecimentos textuais, porque preexistem a eles. Assim sendo, a visão de ambiente não recobriria toda a complexidade da interação digital. A autora utiliza, para comprovar sua argumentação, a maneira como ocorre a publicação multissite, isto é, a publicação de um texto, simultaneamente, em mais de um ecossistema digital. Seria necessário usar um termo que contemplasse não apenas os recursos que condicionam as postagens

“transambientais”, mas também os modos como os componentes do texto interagem com esses ambientes.

Suponhamos, por exemplo, que queiramos realizar uma postagem no ecossistema Instagram para anunciar os 20 anos do grupo de pesquisa Prottexto em 2022. É possível ativar a ferramenta “Publicar também em” e programar a publicação multissite, o que significa que o conteúdo do *post* no Instagram poderá ser automaticamente postado no Facebook, no Twitter e no Tumblr ao mesmo tempo. Mas isso não quer dizer que se trata do mesmo texto, simplesmente transposto para outros ecossistemas, mas significa, sim, que o texto primeiro se reconfigura em outro em cada uma dessas redes sociais, atendendo ao condicionamento de cada ambiente (figura 4).

Vejamos, por exemplo, na figura 5, um *post* de divulgação do IV Workshop em Linguística Textual, que o Prottexto elaborou dentro do ecossistema Instagram e que foi automaticamente transmitida ao Facebook pela vinculação das contas dos dois ecossistemas, programada pelos administradores do perfil.

Note-se como o mesmo conteúdo se reacomoda às instruções do Facebook (figura 6), alterando as alternativas tecnológicas e os modos de interação entre os internautas.

Essas constatações são relevantes para justificarmos a opção de preservar o termo *contexto* para dar

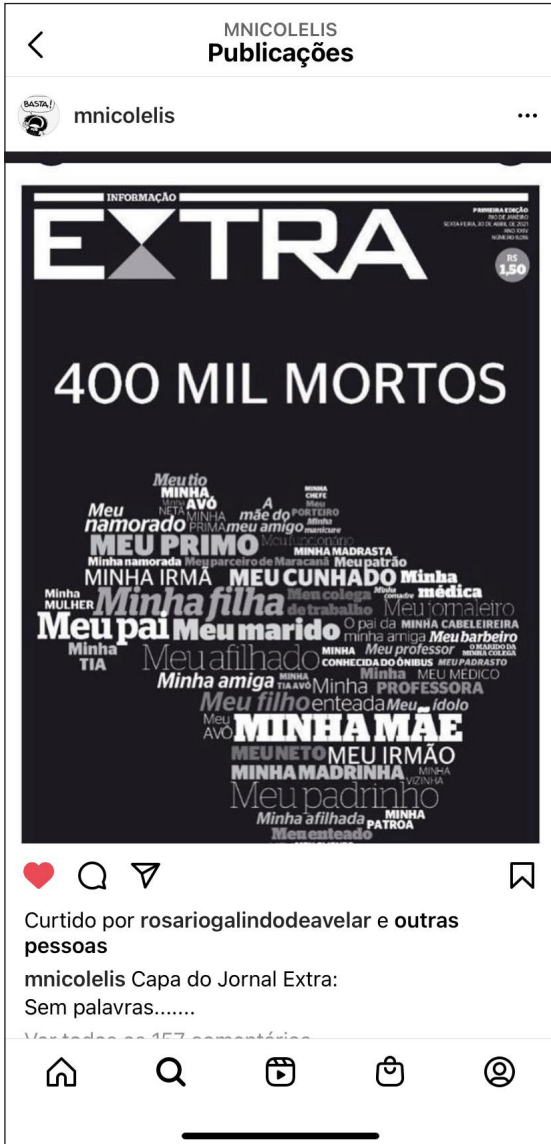


Figura 3

Captura de tela do *post* do perfil *mnicolelis* no Instagram na versão do aplicativo acessado por *smartphone* pessoal
Fonte: Nicolelis (2021b)

conta tanto das possibilidades de utilização dos ecossistemas quanto das inter-relações entre os aspectos semiologizados nos textos em processo.

Queremos destacar agora um outro tipo de situação em que um texto pode ser reconstruído, dentro do mesmo ecossistema, por gestos linguageiros dos próprios administradores do ecossistema. Seleccionamos, para isso, um tuíte (figura 7) publicado por Jair Bolsonaro em seu perfil

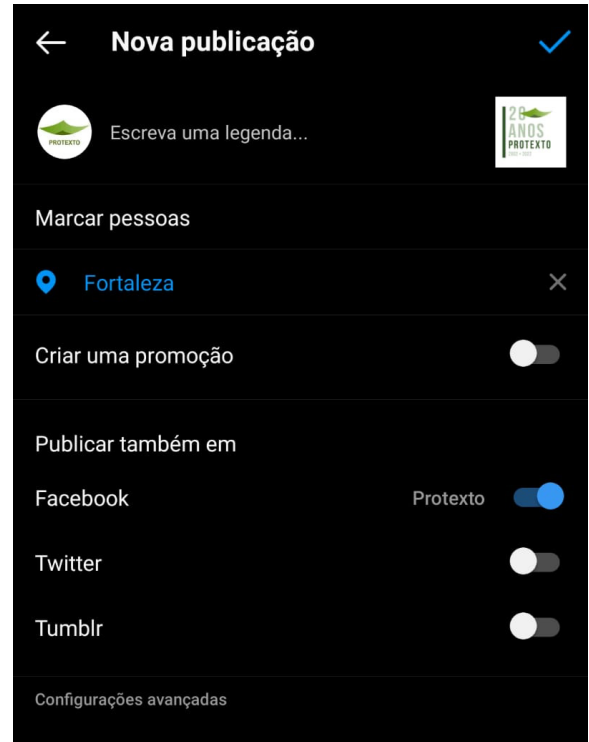


Figura 4

Captura de tela da página em que o usuário do Instagram faz uma nova publicação, na qual aparece a ferramenta “Publicar também em”
Fonte: Acervo pessoal

oficial no Twitter, como o selo de verificação da conta (de cor azul) ao lado de seu nome pode garantir.

No dia 15 de janeiro de 2021, Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, publicou, em sua conta no Twitter, um tuíte no qual defendia a aplicação de tratamento precoce para covid-19 com o uso de medicamentos antimaláricos. Junto à porção textual verbal, o tuíte também reproduzia um vídeo no qual o jornalista Alexandre Garcia, que é citado por Bolsonaro no próprio tuíte a partir da menção a seu perfil *@alexandregarcia*, também defendia o tratamento precoce, citando um estudo clínico norte-americano.

Horas após a publicação, que ocorreu, como pode ser observado na captura de tela, às 15h36, através do aplicativo do Twitter para iPhone, a rede social notificou o tuíte de Bolsonaro com uma mensagem, que pode ser lida no topo da captura de tela, a qual informa que o tuíte violou as regras da rede social por publicar informações “enganosas e potencialmente prejudiciais relacionadas à COVID-19”, daí disponibiliza um *link* para maiores informações. Ao acessá-lo, o usuário é encaminhado a uma página do Twitter (um *moment*^[2]), que traz uma série de tuítes sobre

[2] *Moment* é o nome dado a um recurso disponibilizado na rede social Twitter, semelhante a uma *thread*, no qual um usuário (ou administradores da rede social) reúne uma série de tuítes que elucidam um dado acontecimento que está sendo comentado. Não à toa, cada *moment* é frequentemente introduzido por uma espécie de manchete e *lead* de uma notícia. Veja um exemplo desse recurso (disponível em: <https://twitter.com/i/events/1399115537431425026>) para tratar o destaque dado pelos jornais à manifestação do dia 29 de maio de 2021 contra as condutas do governo de Jair Bolsonaro no enfrentamento da pandemia.



Figura 5

Captura de tela do *post* do perfil grupoprotexto no Instagram na versão do aplicativo acessado por *smartphone* pessoal

Fonte: Protexto (2021a)

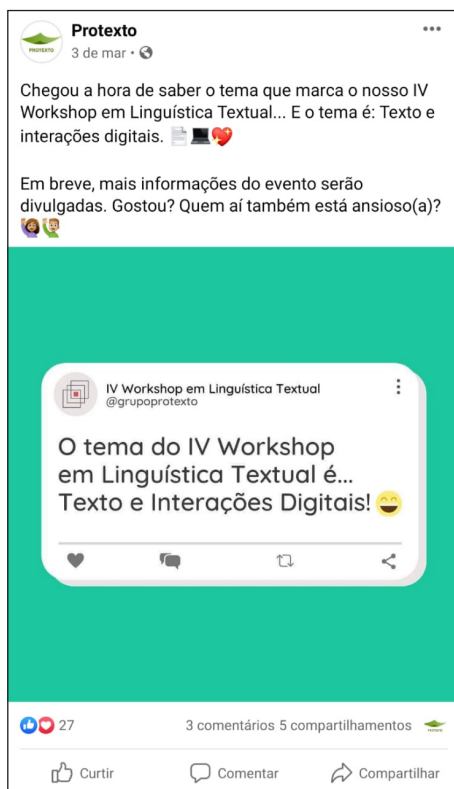


Figura 6

Captura de tela do *post* do perfil grupoprotexto no Facebook na versão do aplicativo acessado por *smartphone* pessoal

Fonte: Protexto (2021b)



Figura 7

Captura de tela do tuíte do perfil @jairbolsonaro na versão *web* do Twitter acessada por computador pessoal

Fonte: Bolsonaro (2021)

o “tratamento precoce”, mas desmentindo-o.

Essa notificação feita pela rede social levanta alguns pontos importantes que merecem ser destacados aqui: em primeiro lugar, o fato de que os usuários que utilizam esse ecossistema digital têm suas ações restringidas às regras preestabelecidas pelo Twitter, como a de não

compartilhar informações enganosas, de modo que violá-las possa acarretar infrações a esses usuários; em segundo lugar, o aspecto da imprevisibilidade das publicações *on-line*, discutida por Paveau (2017).

É inegável que a intervenção da rede social na publicação do presidente traz importantes acréscimos na construção de sentidos desse texto, uma vez que o usuário passa a ser alertado de que a informação ali manifestada é “enganosa”. Essa notificação gera, nesta situação, a nosso ver, um novo texto. Não se trata do mesmo acontecimento textual, no qual o perfil de Jair Bolsonaro enuncia o conteúdo em tela e o compartilha com seguidores. Configura-se, com o *link* que leva a um *moment*, um outro texto, em outro circuito,

“É pelo princípio de incorporação que podemos sustentar, em LT, que o texto não se desagrega do contexto porque está sempre situado em quadros sociais mais amplos”

que cita o texto-fonte e acrescenta a notificação que o avalia. Cria-se, então, um novo movimento argumentativo: aquele em que outros locutores (para mais outros interlocutores) não captam o direcionamento do texto-fonte, e sim, subvertem-o, defendendo um ponto de vista distinto. Insere-se a voz de outro locutor: a dos administradores do Twitter. Esta

possibilidade de notificação está prevista no próprio ecossistema, assim como o espaço do comentário pode compor o espaço virtual das postagens. Mas, curiosamente, não se destina exatamente a ampliar o texto, mas a gerar um outro, e a permitir, por *linkagem*, o diálogo intertextual com muitos outros.

Além disso, uma análise da captura de tela faz transparecer um detalhe que pode passar despercebido e que se relaciona com a questão da imprevisibilidade: o tuíte, diferentemente do que normalmente ocorre com as publicações nesse ecossistema digital, não tem número de curtidas e de retuítes nem sequer pode ser comentado, curtido ou compartilhado em outras redes sociais. Podemos dizer que a notificação dos ad-

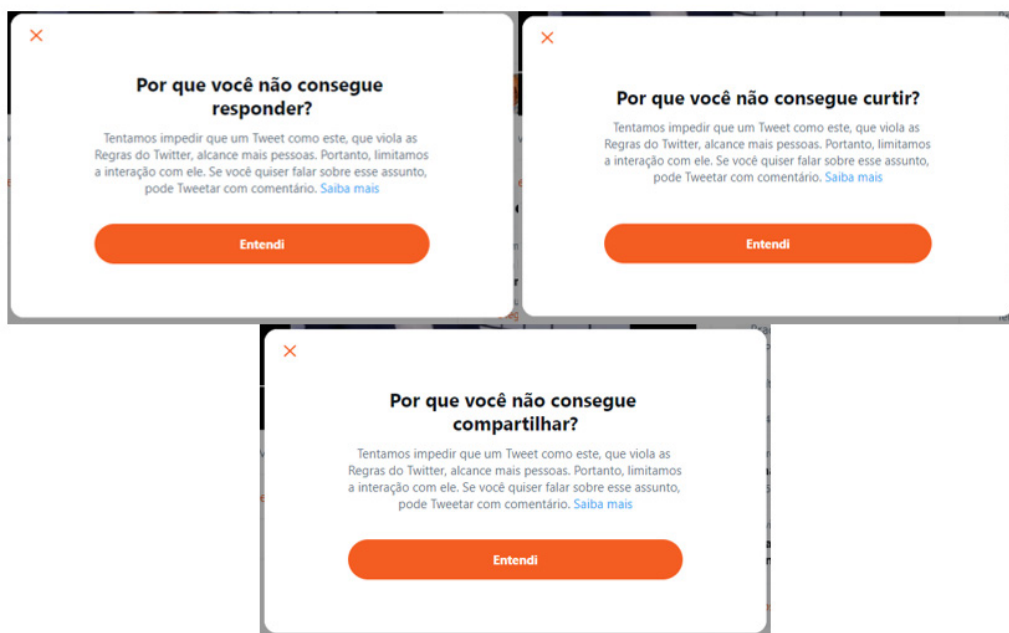


Figura 8

Montagem de três capturas de telas das notificações a partir das tentativas de comentar, curtir e compartilhar, na versão *web* do Twitter acessada por computador pessoal

Fonte: Twitter

ministradores (com o *link* para um *moment*) provoca um bloqueio que interrompe o fio em uma dada direção, mas que termina por abrir outros espaços para o imprevisível. Ao tentar executar tais gestos tecnolinguageiros, o usuário se depara com algumas mensagens (figura 8).

Como pode ser visualizado na captura de tela, a rede social comunica ao usuário, respondendo à pergunta “Por que você não consegue responder/curtir/compartilhar?”, que o tuíte, por violar as regras desse ecossistema, está sendo impedido de alcançar mais pessoas, havendo uma limitação de interação com ele, isto é, o usuário que tentar interagir com tuíte através dos gestos de comentar, curtir ou compartilhar não consegue realizar tais ações. Essa restrição se dá porque, como em muitas redes sociais, esses recursos tecnolinguageiros, quando usados pelos usuários, ampliam o alcance de um dado *post*. Ainda segundo a notificação, a única ação possível de ser executada é a de retuitar o tuíte com um comentário. No entanto, no resultado final, a notificação de conteúdo “enganoso” impede, em um primeiro momento, a visualização do tuíte citado. É somente clicando em “visualizar” que outros usuários podem ter acesso ao tuíte completo.

Observemos este exemplo, com o retuíte feito por Gil Diniz, no qual o deputado estadual chama as regras do Twitter de “censura” e seus administradores, de “canalhas” (figura 9).

Essa restrição de possibilidades de interação e de alcance, isto é, da circulação do tuíte do presidente Jair



Figura 9

Captura de tela do tuíte do perfil @carteireorca na versão *web* do Twitter acessada por computador pessoal

Fonte: Diniz (2021)

Bolsonaro, é um exemplo evidente, como já dissemos, do traço da imprevisibilidade, proposto por Paveau (2017), que define essa característica como a impossibilidade de o locutor ter maior controle sobre a forma, a circulação e o conteúdo de suas produções. Nesse caso, para além das coerções básicas desse ecossistema digital, como, por exemplo, a de construir um tuíte com até 280 caracteres, o presidente Jair Bolsonaro não pôde ter controle sobre o modo como seu texto circularia na rede.

4. Conclusão

Neste artigo, tecemos considerações sobre a necessidade de não apenas levar em conta, em Linguística Textual, a integração do texto ao contexto amplo de enunciação, mas também de conceber o contexto como um ambiente digital no qual se inserem os ecossistemas que hoje participam de todas as nossas ações sociais. Sugerimos que os estudos em Análise do Discurso Digital ponderem sobre a relevância de se considerarem aspectos interacionais e textuais na investigação dos gestos tecnolinguageiros.

Por ora, quisemos tão somente refletir sobre as concepções de contexto e de ambiente digital, cujas definições ora se aproximam, ora divergem, mas que poderiam talvez ser acomodadas apenas no termo *contexto*, desde que ele comportasse uma enunciação ampla, socioculturalmente ancorada, e que, ao mesmo tempo, já pressupusesse a inseparabilidade das ações humano-tecnológicas. Numa visão linguística antropológica, William Hanks, sem se ocupar das produções digitais nativas, funda sua noção de contexto em dois pressupostos de Bourdieu, que se articulam: os conceitos de campo e de *habitus*. Os discursos (aqui dizemos os *textos*) são elaborados dentro de campos sociais, em que os sujeitos participantes da comunicação assumem posições sociais, avaliam os valores em jogo e assumem um conjunto de *habitus*, suas disposições para estabelecer cenários em dados campos dêiticos. Não há, pois, como falar de texto como algo apartado de seu contexto.

Sem desprezar também essa vinculação contextual, Marie-Anne Paveau fala em “quadros pré-discursivos coletivos”, alegando que os locutores dispõem de informações prévias, estocadas na memória interdiscursiva. Como o

“pré-discurso” não impossibilita que essas informações sejam negociadas nos usos linguageiros, podemos comprovar que, nessa perspectiva, o fazer discursivo incorpora necessariamente o contextual. Todavia, Paveau (2021) sugere que o termo *contexto* seja substituído pelo de “ambiente” para marcar um posicionamento pós-dualista, segundo a qual a consciência humana se manifesta nos objetos e nas técnicas, e a matéria linguageira sempre mescla, portanto, o linguístico e o tecnológico. Os agentes que produzem enunciados estariam distribuídos em todo o ambiente. Laetitia Émérit, por sua vez, defende a fusão dessas duas maneiras de pensar, mas prefere manter o termo *contexto*, já mais estabilizado na literatura, desde que ele contemple esse caráter composto, ou híbrido, do homem com o tecnológico. A autora propõe ainda que o contexto dos ambientes digitais possa ser descrito a partir das peculiaridades de diversos ecossistemas, dentre eles as diferentes redes sociais e as mensagens eletrônicas. A alternativa de Émérit nos parece, de fato, a decisão mais sensata, por isso preservamos aqui o termo *contexto*.

Por fim, mostramos como um texto se comodifica quando se ajusta às especificidades de outros ecossistemas, o que se dá quando ele se dissemina em outros ecossistemas e se transforma, conseqüentemente, em novos textos.

As próximas pesquisas precisam ainda, como sugere Émérit (2017), dedicar-se ao exame de pelo menos três contextos em cada publicação: o contexto de composição, o contexto de aparição e o contexto de recepção. A autora ressalta que, a depender do potencial do contexto de cada ecossistema em que as interações se efetivam, a composição, o aparecimento e a recepção/reconstrução podem se sobrepor ou se diferenciar. Que sigamos o fio em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

- BOLSONARO, J. M. 2021. Estudos clínicos demonstram que o tratamento precoce da Covid, com antimaláricos, podem reduzir a progressão da doença, prevenir a hospitalização e estão associados à redução da mortalidade. @alexandregarcia. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1350149912009334784>. Acesso em: 03/06/2021.
- BOULLIER, D. 2015. Les sciences sociales ne jouent plus leur rôle de contre-pouvoir. Le Monde. Disponível em: https://www.lemonde.fr/festival/article/2015/09/06/les-sciences-sociales-ne-jouent-plus-leur-role-de-contre-pouvoir_4745227_4415198.html. Acesso em: 03/06/2021.
- BONINI, A. 2011. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista brasileira de linguística aplicada*, 11(3):679-704. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000300005>
- CAVALCANTE, M. M.; et al. 2019. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, 13(25):25-39.
- DINIZ, G. 2021. "No entanto, o Twitter determinou que esse Twitte pode ter interesse público." O nome disso aqui é censura e esses canalhas ficarão registrados nos livros de história pelo autoritarismo que tentam impor a todos nós! 16 jan. 2021. Twitter: @carteireorea. Disponível em: <https://twitter.com/carteireorea/status/1350475762403565570>. Acesso em: 03/06/2021.
- ÉMÉRIT, L. 2017. La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques. *Essais [On-line]*, 12:173-190. <https://doi.org/10.4000/essais.3026>
- HANKS, William. 2008. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo, Cortez, 211 p.
- KOCH, I. V. 2005. A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. *Investigações*, 18(2):1-26.
- LATOUR, B. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 145 p.
- MARCUSCHI, L. A. 2003. A questão do suporte dos gêneros textuais. *Língua, linguística e literatura*, João Pessoa, 1(1):9-40.
- NICOLELIS, M. 2021a. Eqto alguns governantes comemoram quedas de índices de internação, vários cientistas c/ eu começam a ver a terceira onda da pandemia de COVID19 se formar no horizonte brasileiro. Já avisamos com antecedência sobre a 2nd onda e ngn deu bola. General Inverno a caminho. Aviso dado! Twitter: @miguelnicolelis. Disponível em: <https://twitter.com/MiguelNicolelis/status/1387798736114487296>. Acesso em: 03/06/2021.
- NICOLELIS, M. 2021b. Capa do Jornal Extra: Sem palavras..... Instagram: mnicolelis. Disponível em: <https://twitter.com/MiguelNicolelis/status/1387798736114487296>. Acesso em: 03/06/2021.
- PAVEAU, M.-A. 2013. Environnement [Dictionnaire]. Technologies discursives [Carnet de recherche]. Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/311>. Acesso em: 02/05/2021.
- PAVEAU, M.-A. 2017. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris, Hermann Éditeurs, 397 p.
- PROTEXTO. 2021a. Chegou a hora de saber o tema que marca o nosso IV Workshop em Linguística Textual... E o tema é: Texto e interações digitais. Em breve, mais informações do evento serão divulgadas. Gostou? Quem aí também está ansioso(a)? Instagram: grupoprotex. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CL9TB1GFwBr/>. Acesso em: 03/06/2021.
- PROTEXTO. 2021b. Chegou a hora de saber o tema que marca o nosso IV Workshop em Linguística Textual... E o tema é: Texto e interações digitais. Em breve, mais informações do evento serão divulgadas. Gostou? Quem aí também está ansioso(a)? Facebook: grupoprotex. Disponível em: <https://www.facebook.com/grupoprotex/posts/4000327570023236>. Acesso em: 03/06/2021.
- SANTAELLA, L.; CARDOSO, T. 2015. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. *MATRIZES*, 9(1):167-185. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p167-185>
- SACKS, H. 1992. *Lectures on conversation*. Cambridge, Blackwell. 1520 p.
- SCHEGLOFF, E. A. 1987. Between micro and macro: Contexts and other connections. In: J. C. ALEXANDER; et al. (ed.). *The micro-macro link*. Berkeley, University of California Press, p. 207-34.
- SCHUTZ, A. 1970. *On phenomenology and social relations*. Chicago, University of Chicago Press, 336 p.